

Franklin Carvalho



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



# Araca de Arrepiar



# **Araci de Arrepiar**

**Franklin Carvalho**

Edital de Chamamento Público Nº 002/2025

Seleção de Projetos Culturais em Linguagens Artísticas e Manifestações  
da Cultura Popular, no Âmbito da Política Nacional Aldir Blanc - PNAB



# Sombras no caminho

O caminhante que passa pelas estradas seguindo os rumos do sertão hoje carrega o telefone no bolso. No entanto, nos tempos de nossos avós, o caminho apavorava quem ia só.

Antigamente, sempre havia almas penadas perto das fontes, dos lagos, das águas. Algumas delas já eram conhecidas das mulheres. Bastava uma dona se desgarrar e esquecer as orações e elas apareciam. Os cristãos que iam para as capelas, fazer sua devoção, também eram abordados.

Pelo que o povo comenta, as almas desejavam uma prece e também demonstravam sentir sede. Igual naquela parábola do rico avarento e do mendigo Lázaro (Lucas 16:19-31). Quando os dois já estão mortos, o rico implora a Lázaro que molhe a ponta do dedo na água e lhe refresque a língua.

Por falar em Lázaro, numa tarde recente eu vinha caminhando da barragem do Maracujá e me lembrei das histórias antigas sobre visagens. Senti um medo intenso de alguma perturbação, de assalto ou de um bicho aparecer.

Sim, eu vinha só, e o sol sumia nublado. Porém, devoto de São Lázaro, confiei. Do nada, surgiu um cachorro enorme, que não sei de onde veio, e calado e manso me seguiu até a cidade. Quando adentrei as primeiras ruas, o animal sumiu no mesmo mistério.

Meia légua durou aquilo, eu crendo que o cão queria um osso, mas ele era na verdade a minha guarda, que São Lázaro mandou para me proteger.

Mas há gente que teve sustos piores.

Uma amiga me contou certa vez que, em hora escura, passando por casa antiga, viu a porta de duas bandas fechada e uma cabeça aparecendo onde as bandas se juntavam. Ela enfrentou a assombração, alma de um sujeito que em vida era seu conhecido: “Esconjuro, Adroaldo, deixe de presepada!”. E o morto riu uma boca banguela.

Meu amigo Joaquim, morador das vizinhanças do Tanque da Nação, jura ter visto o diabo num galho de árvore em seu quintal. E foi na luz do meio-dia. “O que ele lhe disse, Joaquim?” Eu perguntei. “Nada. O danado piou, depois virou pássaro e voou”.

Já o avô de Ubirajara, no povoado de João Vieira, certa vez teve visagem de gelar. Ele seguia na madrugada por uma estrada estreita, tinha que resolver uma urgência, quando viu surgir à distância um homem todo vestido de preto, de pé, abraçado a um caixão.

Ubirajara me falou que o avô orou o Credo e, passando pelo sujeito, deu boa noite como se falasse a um vizinho. Recebeu resposta igual, educada, e continuou em seu rumo, sem olhar para trás.

Porém, o que mais assusta no sertão, a qualquer hora, é o silêncio e os estalos nas picadas da caatinga, o canto de ave agourenta, os leitos de cascalho seco, sem vida.

Nem tanto as cruces nas estradas, nem os cemitérios de um só muro, nem os casebres em ruínas. Nem as canecas, painéis e roupas esquecidas por famílias que partiram, embora isso também.

Outras vezes, nem sabemos de fato se estamos vendo assombrações.

Aquela baraúna que havia em frente à fazenda Guarani, árvore imensa que demorou a ser derrubada, mesmo com a estrada

construída à volta dela, era assustadora à noite. Tudo por quê?

Aquela baraúna sempre foi passagem de funerais, de cortejos fúnebres, de irmãos que carregavam outros em redes para sepultamentos e ali paravam para repousar.

Naquelas paradas os defuntos, enrolados, também se espreguiçavam na grama. Por causa disso a baraúna ficou falada, como toda árvore já é considerada sombra de fantasmas, mas aquela ainda mais.

Ali perto, uma vez o velho Nizo e o seu compadre João Ferreira cruzaram à noite, muito tarde, com uma mulher toda vestida de branco. Ela levava um bebê coberto e passou calada. Mais à frente, os camaradas comentaram:

— Você viu, compadre?

— Vi. O marido dela deve estar vindo aí.

Os compadres contam que depois não apareceu marido nenhum. Ora, antigamente nenhuma mulher saía sozinha àquela hora. Então aquela aparição devia ser outra coisa.

Por último, o Oliveira, irmão de Nizo, viveu outro choque, pois numa noite alta, Sexta-Feira da Paixão, passando pela baraúna, ouviu o som de um pandeiro: “tum-tum-tum”. E este som o acompanhou até a cidade.

Mas digam se não foi merecido, por ele andar desprevenido numa data como essa?

Por que não dorme a gente da nossa terra? Por que nunca se aquieta?

# Visagens atuais

Nos tempos de hoje, já não há aquele medo de lobisomens e outras assombrações na ladeira do Bonfim, nem pelas estradas. Também não há relatos de crianças se perdendo no mato.

Antigamente, alguns meninos sumiam semanas na caatinga e, quando eram encontrados, ainda estavam fortes. Eles contavam que uma mulher com um manto branco os havia alimentado, e as famílias entendiam que tinha sido Nossa Senhora.

Mas hoje ainda se contam outros relatos...

Na Barreira, próximo ao rio, e nas proximidades do Poço Grande, quem passa de carro no pôr do sol é perseguido por luzes que se movem muito baixas, e que depois somem.

Dia desses no Quererá um homem chocou-se com uma árvore quando pilotava sua moto à noite. Por que não viu o tronco?

Quando resgataram o sujeito, tudo levou a crer que ele olhava para trás na hora do acidente. Olhava para quê, se o caminho era uma picada deserta no mato, no meio do nada? E ainda mais na escuridão noturna...

Também no Quererá, há alguns anos, as covas do cemitério local afundavam, e foi necessário chamar uma missão de padres para benzer o lugar. Depois dessa missão, houve paz por muito tempo.

Recentemente voltaram os espantos, com uma raposa magricela rondando o povoado, e o bicho tem uma cabeça meio torta. Isso aconteceu justamente após os moradores ampliarem o terreno do cemitério.

O Quererá está querendo os padres novamente, mas muita gente da Igreja descrê.

Martina, jovem que trabalha numa venda de frutas, relata que esteve com uma tia numa roça próxima à sede do município, e as duas se perderam num matagal. Isso foi no ano passado. Elas andaram um tempo, mas logo perceberam que não achavam saída. "Deve ser coisa da Caipora", pensaram. Então resolveram tirar as blusas e vesti-las pelo avesso. Logo reencontraram o caminho de casa.

Perto do Barbosa uma velha pediu à neta, já moça feita, que lhe ajudasse a fazer um caruru para Cosme e Damião. A neta saiu de casa dizendo malcriação: "Eu quero que Cosme e Damião me mate". Mas ela não foi muito longe, tomou uma queda no meio da rua. E até hoje não melhorou do baque, ficou meio sem juízo, bobinha. Sua alegria é comer feito criança.

Outro ponto é o medo que o araciense tem de feitiço. Isso prova que o povo acredita no resultado desse tipo de sortilégio.

De fato, existem relatos que apontam para certos comportamentos estranhos de algumas pessoas, e ainda hoje tem gente que até muda de bairro, assustada, temendo feitiço.

E, quando você ganha intimidade, certos homens e mulheres admitem que fazem "coisas" para cobrar dívidas, se livrar de inimigos e conquistar amor e dinheiro.

Essas pessoas geralmente realizam sua magia dentro de casa, sem muito alarde, usando livros e orações já conhecidas. Hoje as fórmulas são pesquisadas até na internet.

Mas atenção: isso não tem nada a ver com uma religião ou outra. Mesmo porque existe gente que frequenta igrejas e, em segredo, pratica seu arranjo.

Por outro lado, devido a esse medo de feitiço muitas pessoas sofreram perseguição e ainda são atacadas. Principalmente o chamado “Curador”, ou seja, sacerdote dos saberes indígenas e de descendência africana.

Existem curadores na sede e em todos os povoados, e eles são procurados por pessoas que buscam consolação. Cada um tem sua forma de culto, suas devoções e suas datas de celebrações.

Às vezes na “Casa de Curador” se faz também o “responso” (espécie de adivinhação) para encontrar bois que se perderam ou foram roubados. O resultado sai quase com exatidão, indicando o local (“Está por trás de um morro, onde tem uma fonte de água e um espinheiro, na direção tal etc...”). Se for caso de roubo, às vezes se providencia que o ladrão devolva o gado.

...Mas nada acalma quem tem pouca fé, quem acredita sem acreditar, quem tem um pé dentro e um pé fora da canoa, e desconfia até de Deus.

Nessas coisas de fé, aliás, não cabe polêmicas, intolerâncias, curtidas ou compartilhamentos. Cada um enxerga a vida com o seu próprio coração.

# Mutirão e assombração

**Veja a seguir o registro de Francisco Lisboa Oliveira, encontrado e transcrito por seu sobrinho-neto Pedro Juarez Oliveira Pinheiro, com nossa edição.**

“No dia 22 de abril de 1936 fomos trabalhar num mutirão na casa de Joaquim Jeremias, na fazenda Boa Sorte. Os encarregados foram Paulo e José Pequeno. Estive muitíssimo bem. O serviço foi feito com 15 homens.

À noite, houve uma aposta de ver quem ia à casa da fazenda do Caldeirão, mal afamada de assombração, e de lá trazer umas folhas de cajazeira. Um foi e não trouxe.

Outra aposta para ver quem ia à mesma casa e lá abrir uma porta da casa de farinha e por ela entrar no escuro. Depois passar por toda a casa e lá procurar uma mesa, e desta tirar uma gaveta e trazer para a Boa Sorte, onde esperado por mais de 20 pessoas.

Um rapaz disse que se pagassem a ele que ia e a gaveta trazia. Todos duvidaram e apostaram 5#000 Réis para o tal ir e trazer.

O caso da aposta foi que na casa tinha morrido um velho há muitos dias e na tal casa ninguém tinha coragem de ir de noite, por isso fizeram a aposta. A casa é muito velha e muito grande e já nela morreu muita gente e lá está para ser derrubada.

O tal disse que ia e dissemos ‘Pois vá que é garantido os 5# se trouxer a gaveta’. A noite era de escuro e chuva. Ele foi e quando veio foi com a tal gaveta. Foi uma grande algazarra de todos que ali estavam.

O tal ganhou os 5#00 e ofereceu a quem quisesse ir à casa velha do Caldeirão e levasse a gaveta e botasse onde estava. Ninguém quis ir.

Eu por minha vez gosto muito de dinheiro mas porém assim não o quero ganhar, pois tenho muito receio da tal casa velha do Caldeirão. Só mesmo quem não tem pena de si e não importa com as almas de quem já morreu.”

# A terra, o homem, a luta

Os olhos de Sinhô da Chã se encheram de neblina quando ele viu o prefeito inaugurar a Casa do Vaqueiro nas terras do Tabuleiro do Itapicuru. Quanta alegria!

Sinhô da Chã, agricultor de unhas duras, marcado por espinhos da caatinga, tinha construído casa semelhante, só que mais humilde, com seus companheiros de vaqueirar, anos antes, no mesmo lugar.

O Tabuleiro é aquela faixa de terras úmidas entre o agreste e a caatinga, e, quando chegava a seca no sertão, os homens e o gado do semiárido fugiam para lá. Porém o Tabuleiro é muito frio no inverno. Melhor que houvesse abrigo para os trabalhadores, que chegavam com seu pouco mantimento de charque e farinha. A casa velha de taipa caía, mas o prefeito entregou a nova de alvenaria.

Os olhos de Sinhô da Chã se encheram de sangue quando o arame farpado cercou os caminhos do Tabuleiro. Nunca se viu tanta cerca, tantos donos novos com documentos antigos. Houve mesmo um projeto do maior banco da Bahia que, nem apresentou papéis, abocanhou milhares de hectares.

Não havia mais lugar para pasto, e a Casa do Vaqueiro também ficou espremida entre as fazendas gigantes, esmagada. A história do pastoreio, de mais de cem anos, se acabava. O governador na Capital havia determinado assim.

Eram os anos 1970, e logo a seca voltou a lançar seu alarido tétrico. Os sertanejos, como de costume, levaram os bois magros ao Tabuleiro, mas os bichos morreram de surpresa e de fome. O

gado não podia pastar no ar nem voltar caminhando, tão enfraquecido estava. Dentro da fazenda do banco, a comida se perdia.

Os vaqueiros de unhas duras se impacientaram e derrubaram rios de cerca, mas logo, logo, eles próprios se viram cercados por policiais.

Era um tempo medonho aquele, parecido com o nosso, mas pior que o nosso. Os olhos de Sinhô da Chã se encheram de silêncio. O vaqueiro da casa de taipa morreu sem rever as vastidões.

Anos depois, o banco faliu e o Tabuleiro mudou de donos. Mas até hoje a terra é indomada: imensidão e descampado. Há alguns dias, um homem se perdeu por lá e só o acharam semanas depois, morto de andar sem ver comida nem casa, nem ninguém que o resgatasse.

Somente torres eólicas pontilham agora os morros e arrotam urros quando o vento corta o agreste. Muito triste o lamento das torres, lembra o gado que se perdia ao longe, nos muricizeiros. Nem ao antigo Cruzeiro do mais alto morro, nem na Semana Santa, dão autorização para o povo entrar.

Ouvi de Migdônio, neto de Sinhô, e de outros homens, estas histórias de vaqueiros. Quando eles as contam, salvam o gado e os trabalhadores antigos do latifúndio do esquecimento. E quando eu as conto, salvo-me também do imenso deserto do silêncio.

Publicado no Jornal A Tarde de 2.7.2023

# Porque Matias Raizeiro deixou de ser curador

Matias estava deitado na cama, no seu quarto, quando apareceram aqueles elementos ao seu lado. Pareciam cachorros, dois pretos e um vermelho. As presas eram como facas afiadas, as bocas compridas de jacaré.

Eles roeram o corpo de Matias do pescoço para baixo, e levaram a cabeça pelo sertão adentro. Atravessaram a Bahia e seguiram o Rio São Francisco até chegar em Sergipe. Esse caminho demorou muito na noite.

Lá em Sergipe jogaram a cabeça no centro do terreiro de um curador estranho, e já estava tudo pronto. No chão tinha velas e duas galinhas mortas. O curador mandou Matias comer uma galinha, que assim ele ia ganhar todo o dinheiro do mundo. Ia ficar rico pela vida toda, só cumpriria três dias de miséria nas vésperas de morrer.

Matias desconfiou daquela ideia. Disse ao curador que só a Deus ele obedecia, e não comeria galinha nenhuma. O sujeito chamou Matias de teimoso e ordenou aos tais cachorros que trouxessem a cabeça para Araci e, aqui chegando, acabassem de matar.

Quando os cães voltaram com a cabeça, atravessaram o rio e a mata e pararam perto, mas já não eram os mesmos dias de hoje. Era a época de anos atrás, velhas estradas de barro que nunca conhecemos, casas antigas de palha, plantas altas que já não existem e um velhinho no meio delas, um sujeito magro, com as mãos levantadas ao céu, como um santo.

Os cachorros se diziam: “Vamos desviar do Atrapalha”, praguejando contra aquela aparição.

O velho ordenou que o chão se abrisse e os cães descessem pela fenda. Falou isso outra vez e a fenda abriu ainda mais, mas os bichos quiseram voar, e voando mesmo estouraram como foguetes.

O santo, que era esse “Atrapalha”, pediu a Matias que ao chegar em casa queimasse todas as suas coisas de curador, mas sem muita agonia. “O resto o dono virá buscar”, ele disse.

Assim aconteceu. Matias acordou em casa novamente são e, de duas vestes que encontrava, tirava só uma para queimar. Dos instrumentos e velas não mandou tudo para o fogo, nem todas as guias, nem todos os baralhos. Dava-lhe pena, compreende?

Mas no dia seguinte ele recebeu a visita de um homem a quem estava devendo, esse também curador, e lhe entregou o resto das coisas da casa, menos as imagens dos santos...

Na mesma hora Matias esqueceu tudo. Ele, que responsava e dava descarrego, e livrava as pessoas dos olhos alheios, esqueceu todos os preparos, esqueceu os banhos, os fundamentos. De uma hora para a outra.

Assim que ele parou, pararam também os seus filhos de santo. Matias largou a Linha Branca porque havia invejosos, gente da mão esquerda, de olho nele, querendo lhe dominar. Os cães eram um aviso.

O que Matias oferece hoje é isso: as raízes, as garrafadas curativas de folhas e de sementes, coisas que aprendeu com a vida, e alguns litros de mel. E a simples devoção, simples reza.

Seu nome é só Matias, não é mais “Pai”, não tem nada disso. E se precisar ele muda de nome de novo, a qualquer hora, nem registro

de nascimento conta. Porque é antes de tudo um homem, só um homem.

Para acreditar, basta olhar no seu rosto e ouvir esta história dos seus lábios.

As histórias publicadas neste livro foram contadas por moradores de Araci. Em alguns casos, modifiquei nomes para proteger os informantes.

Agradeço ao Sr. Sebastião Jovino da Costa (Sebastião do Mercado), Dona Judite Mota, Ana Nery Carvalho, Ubiratan Carvalho, Elisnando Batista, Felipe Moura, Juarez Pinheiro e a outras pessoas pelas informações e sugestões.

Embora a crônica “A terra, o homem, a luta” não trate de um “caso” de assombração, o texto foi incluído porque narra acontecimentos importantes relativos à história do município. E a ambição dos homens também assombra...

O nome "Araci de Arrepiar" foi inspirado no canal de vídeos "Belém de Arrepiar", de Nathan de Moura.

Capa: Rick Ferreira

Araci, 2025